COMO OS NOSSOS PAIS: UMA ILUSTRAÇÃO SOBRE SEGREDOS FAMILIARES

REBECA ESPINOSA CRUZ AMARAL [1]

[1] *Consultório Particular, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.*

Como nossos pais é um filme brasileiro lançado em 2017, com direção de Laís Bodanzky. Conta a história de Rosa, uma mulher de 38 anos, casada com Dado e mãe de duas filhas pré-adolescentes, Nara e Juliana. Rosa acredita ser filha de Clarice e Homero - que são divorciados no momento presente do filme - e tem um irmão mais novo; entretanto, logo nos primeiros momentos da obra, Clarice lhe revela que escondeu até então um segredo: Rosa, na verdade, é filha de outro homem.

A cena da revelação do segredo, não despropositadamente, é a cena de abertura do filme que, então, ilustra de forma sensível os efeitos da manutenção e da posterior revelação de um segredo no seio de uma família. Nessa cena, mesmo antes da revelação, notamos inúmeras animosidades presentes nas relações familiares, em meio a cordialidade rotineira, principalmente entre Rosa e Clarice. É durante uma discussão entre mãe e filha, por Rosa estar elogiando Homero enquanto pai e criticando Clarice enquanto mãe, que esta revela que ela, na verdade, era fruto de uma relação sexual extraconjugal que havia tido. Rosa, incrédula, levanta-se calada e vai embora, recusando as tentativas de contato de Clarice pelos dias seguintes.

Segundo Cavalhieri, Silva, Barreto e Crepaldi (2017), podemos compreender o segredo familiar como "a omissão intencional de qualquer informação que influencia diretamente os demais membros de uma família ou que lhes diz respeito" (p. 138). Além dessa definição, autores como Brown-Smith (1998) e Imber-Black (1994) nos fornecem importantes direcionamentos para o entendimento da temática quando apontam que os segredos podem diferir em relação a amplitude, duração e profundidade. Desse modo, eles podem ser considerados positivos ou nocivos, ocorrendo nocividade quando impactam a confiança familiar e podem ocasionar sintomas na família (Imber-Black, 1994). Brown-Smith (1998) defende ainda uma diferenciação dos segredos relativa às suas fronteiras, pois eles podem ser considerados como compartilhados por todos os membros de uma família, internos, pertencentes apenas a um subsistema, ou individuais, quando apenas uma pessoa o detém.

Assim, quando dizemos que o filme trata essencialmente de um segredo familiar, apontamos a omissão intencional da verdadeira paternidade de Clarice feita por Rosa, embora essa informação lhe dissesse respeito diretamente. Uma informação importantíssima, baseada num fato, e que foi guardada por Clarice individualmente por quase 40 anos, podendo ser este considerado um segredo nocivo, visto o impacto na confiança familiar.

Consideramos, ainda, necessário o alerta feito por Orgad (2015) de que o segredo familiar é balizado pela relação entre os sistemas cultural (macrocontexto), familiar (mesocontexto) e psicológico (microcontexto), de modo que sua compreensão deve se dar levando em conta seu contexto socio-histórico e as regras sociais quanto a gênero, cultura e classe social. Isso também é apontado por Imber-Black (1994), que afirma ser aí que encontramos "as origens do estigma, vergonha e o medo da

CC BY

revelação e da dissolução da família, que alimenta poderosamente o processo de manutenção do segredo" (Imber-Black, 1994, p. 22). Trazemos isso pois a cena da revelação que se inicia com Clarice mimando e defendendo o genro das demandas de Rosa por uma maior igualdade nas tarefas familiares é fundamental em nos permitir notar como Clarice corrobora com a desigualdade de gênero, dando-nos indicativos de suas concepções baseadas em seu contexto socio-histórico. Desse modo, embora emissora de um discurso de liberdade e transgressão ao longo de todo filme, acreditamos que Clarice, após a traição conjugal na qual Rosa foi concebida, pode ter sido atingida por vergonha e medo de uma dissolução familiar com a revelação, o que pode ter ocasionado a manutenção do segredo.

Além disso, todos os autores que abordam essa temática são taxativos na afirmação da importância do cuidado com a revelação dos segredos, visto que esta geralmente causa consequências e impacta os relacionamentos dos envolvidos, exigindo a construção de novos padrões de comunicação e vinculação entre os membros da família (Imber-Black, 1994). Esse cenário é muito bem ilustrado no filme. Na cena de uma conversa entre Rosa e seu irmão, na qual ela afirma que agora a preferência da mãe por ele fazia sentido para ela, Rosa diz também que o mais chocante para ela não havia sido apenas o conteúdo da revelação da mãe, mas principalmente o modo como ela o fez, com extrema frieza. A revelação do segredo, portanto, causa uma ruptura inicial da relação entre mãe e filha, chegando essa última a dizer à mãe que havia decidido não mais ser sua filha, já que ela havia decidido lhe dar outro pai. Mais à frente, porém, a revelação de um novo segredo, uma doença terminal de Clarice - um segredo individual guardado por ela, mas, desta vez, por muito menos tempo -, tem a potência de, ao ser revelado, mais uma vez, modificar as relações familiares, reaproximando mãe e filha.

Nesse sentido, compreendo o segredo como um fenômeno sistémico, Imber-Black (1994) afirma que ele molda as relações familiares e "distorce e mistifica os processos de comunicação" (p. 24), a circulação de informações e os padrões interacionais dos envolvidos, dificultando esse processo e comprometendo a resiliência familiar, pois toda comunicação se dá balizada pelos esforços em manter o segredo. Isso gera, portanto, uma tensão no sistema familiar, que é percebido de alguma forma por todos os seus membros, inclusive as crianças, que muitas vezes chegam a sintomatizá-los.

Vale dizer ainda que as crianças, por diversas vezes, não só percebem as tensões familiares, como assumem o lugar de bode expiatório nas famílias, como destaca Bucher (1985), e de membros ideais, para cumprirem a missão de preservar a unidade familiar. No que concerne a esse ponto, Melo, Magalhães e Féres-Carneiro (2014) acrescentam que isso as enreda em alianças inconscientes e torna-se estruturante, fazendo com que a possibilidade da descoberta seja vivida com grande temor.

Tais postulações são notáveis no filme quando descobrimos que Rosa também foi guardiã de um segredo por toda a vida, que guiou sua lealdade familiar ao pai - talvez numa forma de retribuição por seu afeto por ela. Guardar o segredo de uma traição do pai presenciada por ela talvez tenha sido feito na intenção de preservar a unidade familiar, visto que a possibilidade de descoberta desse segredo poderia lhe mobilizar angústias arcaicas, o que se reforça quando a vemos reagindo à revelação do segredo sobre sua paternidade, afirmando que não sabia mais quem era.

Outro ponto importante, nesse sentido, é que, ao ir a Brasília conhecer o pai biológico para tentar se (re)conhecer, este lhe diz que, naquele momento, também precisaria manter o fato de ser seu pai em segredo, em prol de sua família e sua carreira, o que ela aceita, embora seja visível sua frustração. Vemos, assim, Roberto demandar dela uma nova aliança, solicitando que o segredo permaneça apenas entre eles,

enquanto um subsistema desconhecido do sistema familiar dele. Logo após esse momento, ao retornar de sua viagem, Rosa encontra-se novamente com Homero e, embora nesse encontro tente contar ao pai sobre não ser sua filha biológica, fato desconhecido por ele, recua diante de comportamentos carinhosos e acolhedores dele, inclusive de uma fala dele sobre o jeito deles ser igual e vir de gerações anteriores dele. Com isso, ela passa a ser a portadora do segredo anteriormente da mãe no que concerne ao pai, numa clara proteção a Homero e tentativa de manter a homeostase das relações estabelecidas, principalmente entre ele e ela enquanto pai e filha – visto que a relação conjugal de Homero e Clarice já não existia mais.

Por fim, é interessante ainda trazermos a postulação de Bucher (1985) de que o surgimento do segredo se dá quando uma lei explícita ou implícita é ameaçada de transgressão, gerando no membro que cometeu a falta um sentimento de culpa e dívida de lealdade do qual decorre o segredo. Assim, ela esclarece que "a estruturação dos mitos e segredos na família se ancora nas regras, nos ritos, que ela organiza" (Bucher, 1985, p. 114), visto que os ritos e mitos expressam a dinâmica do aparelho psíquico familiar e, não raro, transmitem-se ao longo de gerações, buscando a manutenção da estrutura e da organização familiar.

No que concerne a esse aspecto transgeracional dos segredos, Imber-Black (1994) defende ainda que, quando alguns comportamentos aparentemente inexplicáveis se repetem em diferentes gerações, isso pode ser um indicativo de tentativas de revelar, pela via da repetição, o segredo familiar velado por tal comportamento. Nesse sentido, a presença da questão da traição na vida de Rosa, que aparece na desconfiança de que seu marido lhe trai e, posteriormente, no fato de traí-lo durante o filme, demonstra como essa temática presente no segredo familiar insere-se numa cadeia de transmissão geracional.

Segundo Féres-Caneiro, Ponciano e Magalhães (2007), a transmissão geracional permite articular as histórias individuais e familiares na medida em que o sujeito recebe uma herança que o liga a uma cadeia de relações, mas precisa processar os legados recebidos e transformar suas heranças para não ficar preso a repetições de histórias passadas. Num primeiro momento, Rosa parece não conseguir fazê-lo, mas, com o andamento da história, vemos como vai sendo possível para ela realizar tal elaboração.

Assim, nas cenas finais, após o falecimento de Clarice, acompanhamos Rosa contando para Dado – o qual vinha se esforçando para melhorar sua relação conjugal – sobre a traição e afirmando querer reconstruir o relacionamento com ele, fundamentando-o na verdade e sinceridade. Isso demonstra como ela pôde elaborar o que lhe foi transmitido pela via do segredo após a sua revelação, rompendo com o imperativo de dizer: "(...) ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais […]", como canta Elis Regina na música que dá título ao filme.

REFERÊNCIAS

Brown-Smith, N. (1998). Family secrets. Journal of Family Issues, 19(1), p.20-42.

Bucher, J. (1985). Mitos, segredos e ritos na família. Psicologia, teoria e pesquisa, 1(2).

Cavalhieri, K. E., Silva, I. M da, Barreto, M., & Crepaldi, M. A. (2017). Influência do segredo na dinâmica familiar: contribuições da teoria sistêmica. Pensando familias, 21(2), p.134-148. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000200011&lng=pt&tlng=pt>.

Féres-Carneiro, T., Ponciano, E. T., & Magalhães, A. S. (2007). Família e Casal: da tradição à modernidade. In: Cerveny, C. M. (Org.). Família em movimento. Casa do Psicólogo.

Imber-Black, E. (1994). Os segredos na família e na terapia familiar. Artes Médicas.

Melo, C. V., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2014). Segredos de família: a contratransferência como recurso terapêutico. Estilos da Clinica, 19(1), p.163-182. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282014000100011&lng=pt&tlng=pt>.

Orgad, Y. (2015). The culture of family secrets. Culture & Psychology, 21(1), p.59-80.

REBECA ESPINOSA CRUZ AMARAL

Psicóloga e Psicanalista; Mestre e Doutoranda em Teoria Psicanalítica (com bolsa Faperj Nota 10); Especialista em Psicoterapia de Família e Casal pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Especialista em Psiquiatria e Psicanálise com Crianças e Adolescentes pelo Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

E-mail: respinosacamaral@hotmail.com

https://orcid.org/0000-0001-5011-5226